Recebido: 12 de novembro de 2024 | Aceito: 24 de janeiro de 2026

O VEGETARIANISMO COMO CONDUTA POLÍTICO-RELIGIOSA NA ANTIGUIDADE TARDIA: OS CASOS DO IMPERADOR JULIANO E DO BISPO DE ÁVILA

Margarida Maria de Carvalho[1]

Ana Carolina Picoli Sotocorno[2]

Resumo

As práticas alimentares da Antiguidade Tardia revelam aspectos significativos dos contextos políticos, culturais e religiosos de suas sociedades. Neste artigo, exploraremos a intersecção entre as práticas alimentares e filosóficas atribuídas ao imperador Juliano e a Prisciliano de Ávila. Juliano, influenciado por seu neoplatonismo e pelas dietas médicas prescritas por seu médico, Oribásio de Pérgamo, adotou uma vida simples, abstendo-se do consumo de carne em busca de purificação espiritual. Prisciliano, por sua vez, inspirado por correntes de pensamento orientais e por um cristianismo ascético, também se tornou adepto do vegetarianismo. Entretanto, suas práticas alimentares foram consideradas heréticas pela ecclesia nicena. Este artigo tem como objetivo analisar a forma com que a alimentação se interconectava à vida filosófica e religiosa desses dois importantes personagens da Antiguidade Tardia.

Palavras-Chave

Vegetarianismo; Juliano; Prisciliano; Neoplatonismo.

[1] Professora Livre-docente – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, Brasil. E-mail: margarida.carvalho@unesp.br. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- 2.

[2] Doutoranda – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, Brasil. E-mail: ana.c.sotocorno@unesp.br. Bolsista FAPESP sob o processo nº 2023/16929-0.

Abstract

The culinary practices of Late antiquity reveal significant aspects of the political, cultural and religious contexts of ancient societies. In this article, we will explore the intersection between Emperor Julian's culinary and philosophical practices and those of Priscillian of Avila. Julian, influenced by Neoplatonism and by the medical diets prescribed by his doctor, Oribasius of Pergamon, adopted a simple life, refraining from the consumption of meat in search for spiritual purification. Priscillian, in turn, inspired by oriental thinking and by an ascetic Christianity, was also adherent to vegetarianism. However, his culinary practices were considered to be heretic by the Nicene *ecclesia*. This article aims to analyse the way nourishment interconnected with these two important Late antiquity figures' philosophical and religious life.

Keywords

Vegetarianism; Julian; Priscillian; Neoplatonism.

Considerações Iniciais

A alimentação exerceu um papel fundamental ao longo da história da humanidade, moldando, profundamente, aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos das diversas sociedades. Nesse sentido, como os hábitos e preferências alimentares são socialmente construídos, eles podem expressar a identidade de um indivíduo e/ou de um grupo. Tais escolhas podem ser prescritas dentro de um discurso científico, manuais de saúde e em uma tradição filosófica (Wilkins; Nadeu, 2015: 3).

Uma das práticas alimentares mais significativas da Antiguidade Tardia foi o vegetarianismo, adotado em diferentes contextos religiosos e filosóficos. A abstinência de carne, nesse período, estava amplamente associada a crenças espirituais e ascéticas. Praticar a abstinência alimentar, incluindo o vegetarianismo, era visto como um meio de alcançar a pureza corporal e espiritual. Essa prática refletia a distinção entre o mundo material e espiritual, o carnal e o divino, sendo parte de um esforço para transcender as limitações do corpo e aproximar-se do sagrado.

A abstenção de carne, dessa maneira, circunda a vida e as práticas político-religiosas do Imperador Juliano e do bispo de Ávila. Personagens que, à primeira vista, parecem não ter muita conexão, mas que possuem nuances entrelaçadas como veremos ao longo deste artigo.

A alimentação no neoplatonismo e na vida do Imperador Juliano

Diversos pensadores da Antiguidade afirmavam que o principal objetivo da vida humana era alcançar a *eudaimonia*, que pode ser entendida como um estado de plenitude do ser. Um ponto importante desse debate nos informa muito do pensamento ético antigo e também determinam as atitudes de seus partidários em relação à alimentação. Trata-se da discussão sobre se o caminho para a felicidade envolvia uma vida de prazeres ou de virtudes. A maioria dos filósofos antigos, tanto em número quanto em influência, pertence ao segundo grupo, embora existam algumas exceções importantes, como os epicuristas. A comida mantia um alto grau de importância filosófica nesta perspectiva, pois o desejo pelos alimentos era apresentado por muitos pensadores como tendo um potencial de perigo moral. Tal perigo moral potencial reportava-se, amplamente, ao desejo pelas experiências prazerosas de comer e beber que podiam, quando confundido com bens genuínos, corromper as ações de alguém e levá-lo para longe da virtude e em direção ao vício (Scade, 2015: 68).

Nesse contexto, pode-se afirmar que os hábitos alimentares são moldados diretamente pela cultura. Em sociedades com sistemas de escrita em desenvolvimento, como as da Grécia e Roma antigas, surgiram diretrizes cujas orientações levaram os leitores à escolha dos alimentos. Nessas culturas, alguns autores assumiram os papéis de autoridades médicas, tornando-se capazes de aconselhar sobre dietas, saúde e medicamentos. Exemplos disso são os manuais médicos de Hipócrates, Galeno e Oribásio. A seleção de alimentos estava, profundamente, ligada aos processos de representação social. Portanto, quando um autor renomado e respeitado expressava sua opinião, essa influência refletia nas escolhas alimentares de seus leitores. Um dos mais antigos e certamente mais célebres guias gastronômicos é *A Vida de Luxo* de Arquéstrato, que oferece uma visão das especialidades regionais e dicas sobre a melhor forma de preparar determinados pratos. Sua influência na Antiguidade é evidente na obra *Os Deipnosofistas* de Ateneu. Na literatura latina, Plínio, o Velho é autor de um catálogo de vinhos, que os classifica com base em critérios como a região de origem e os benefícios à saúde. Sua classificação dos bons crus, presente no Livro 14, é obviamente influenciada por suas próprias crenças e cultura, mas também reflete o típico desejo dos estudiosos gregos e romanos de compreenderem o mundo através de um discurso científico estruturado por categorias (Nadeau, 2012: 153).

Unindo questões filosóficas e culturais, tem-se notícias de vários autores que defendiam a abstenção de carnes, vinhos e aconselhavam uma alimentação moderada. No que tange à dieta vegetariana, em sua maioria, foi adotada na porção oriental do Império Romano e, antes disso, disseminada pelos filósofos gregos. De acordo com Catherine Osborne, havia diferentes níveis de vegetarianismo. Algumas pessoas evitavam certos tipos de carne, outras aceitavam comer peixe, mas não carne vermelha. Havia, também, quem rejeitasse leite e ovos. Osborne considerou qualquer teoria que defendesse a abstenção de produtos de origem animal como uma forma de vegetarianismo na Antiguidade. Isso se aplicaria, por exemplo, a alguém que se recusasse a consumir manteiga, mas não via problemas em comer outros produtos de origem animal. Além disso, a autora destacou várias razões pelas quais as pessoas poderiam evitar produtos de origem animal, como a necessidade ou a limitação de oportunidades, convenções ou pressão social, preferência de sabor, saúde, economia e conveniência (Osborne, 1995: 214-215).

Aristófanes atribui aos órficos e aos seus misteriosos ritos uma oposição ao abate de animais. A hipótese de que os órficos fossem a primeira seita conhecida a adotar uma dieta não carnívora parece corroborada por Eurípides, ao relacionar o orfismo a uma dieta comtemplada por apenas

alimentos "sem alma". Segundo Pausânias e Jâmbico, os pitagóricos e os seguidores do orfismo, também, foram estritamente proibidos de comer feijão, pois esses grãos simbolizavam o ciclo do renascimento e a passagem entre a vida e a morte (Paus. 1.37.4; Iambl. *VT*. 109). Diógenes Laércio relata que Pitágoras não apenas proibia o consumo de carne animal, mas também defendia que os animais não fossem sacrificados, porque acreditavam que eles possuíam alma, assim como os seres humanos. Ele promoveu uma dieta ascética, livre de seres vivos, com o objetivo de alcançar a saúde física e a clareza mental. Pitágoras prestava culto apenas no altar de Apolo em Delfos, onde não se realizavam sacrifícios de animais. No entanto, demonstrando as divergências sobre a mitologia que foi reconstruída posteriormente em torno de sua vida, o próprio Diógenes Laércio reconhece que outras fontes afirmam que Pitágoras permitia o consumo de todos os animais, exceto bois de trabalho e carneiros (Serrano Madroñal, 2021: 588-589; Nadeau, 2012: 155).

Porfírio, em seu tratado *Sobre a abstinência de alimentos de origem animal*, oferece uma visão geral das crenças vegetarianas na literatura antiga, já que, como seu mestre Plotino, um neoplatônico, ele era vegetariano. Esse autor também destacou que Pitágoras sentia aversão aos sacrifícios e àqueles que os praticavam, rompendo relações com açougueiros ou caçadores. Parece claro que, embora houvesse muitos pitagóricos em diversas épocas e em muitos lugares diferentes, eles nem sempre partilhavam dos mesmos preceitos. O núcleo da sua doutrina residia na firme crença da imortalidade das almas em peregrinação. O princípio do vegetarianismo mais ou menos rigoroso desta corrente filosófica pode ser compreendido num contexto de ascetismo e de frugalidade nutricional embasada nas raízes religiosas. A ideia acima mencionada convertia imediatamente todos os seres vivos em entidades semelhantes (Serrano Madroñal, 2021: 590).

Dada a gama de escolas filosóficas envolvidas, não é surpreendente que as considerações que levavam a uma dieta vegetariana variassem, embora se possa concordar que o argumento predominante em torno da abstenção da carne fizesse bem para a alma. Dentre as razões mencionadas por Porfírio, tem-se a noção de que adotar uma dieta que incluía carne era um luxo desnecessário. Muito do que Porfírio tem a dizer em seu tratado equivale a uma defesa de uma vida de necessidades mínimas, livre do apego aos prazeres e das preocupações mundanas. Há, entretanto, várias seções do tratado desse filósofo concentradas em suas razões particulares pelas quais pode ser justo ou injusto matar animais, seja para sacrifícios ou alimentos. Assim sendo, o tema da exortação geral do vegetarianismo no Livro 1 é a ideia de que se abster de uma dieta de carne está de acordo com os

objetivos do asceta intelectuais (Osborne, 1995: 218). Ve-se, ainda, esse pensamento nos escritos do neoplatonista Jâmblico, que ensinou a seus discípulos a abstinência de todos os seres vivos e de certos alimentos que impossibilitavam a lucidez e a clareza mental. Jâmblico salienta que as proscrições mais estritamente vegetarianas só poderiam ser destinadas aos filósofos mais teóricos. O princípio vegetariano mais ou menos rigoroso desta corrente filosófica pode ser entendido num contexto de ascetismo e de frugalidade nutricional (Serrano Madroñal, 2021: 589-590).

Em todas as sociedades, há um entendimento comum entre os indivíduos sobre quais tipos de alimentos são apropriados para consumo e os contextos específicos em que esses alimentos podem ser ingeridos sem violar normas sociais ou culturais. Como mencionado anteriormente, as concepções do que é considerado adequado ou inadequado para comer envolvem tanto questões de saúde quanto fatores culturais, sociais, religiosos e simbólicos. Embora a natureza ofereça uma grande variedade de alimentos, os seres humanos tendem a consumir apenas uma pequena parte desses recursos. De fato, o que é potencialmente comestível nem sempre é apropriado para pensar, conforme a expressão de Lévi-Strauss. As escolhas alimentares humanas são moldadas por crenças culturais ou sistemas implícitos de classificação taxonômica, distinguindo o que é comestível daquilo que não é. Como já foi inferido, as decisões alimentares são influenciadas pelo que é social e simbolicamente aceito. Um exemplo clássico disso é a proibição do consumo de carne de porco no judaísmo (*Lev*. 11; *Deut*. 14). Animais considerados inadequados para sacrifício e consumo são frequentemente descritos como anatomicamente anormais ou pertencentes a espécies não enquadrada nos paradigmas cognitivos e culturais (Nadeau, 2012: 155-156).

Algumas comunidades filosóficas e místicas escolheram viver um estilo de vida ascético e até adotaram um regime vegetariano. Na visão deles, tal dieta purificava o corpo e permitia que os indivíduos conduzissem uma busca espiritual, livre de necessidades físicas. Nas sociedades antigas, comer carne desempenhava um papel simbólico e ideológico (Nadeau, 2012: 155; 159). Pode-se comentar, dessa forma, que esse é o caso do neoplatonismo e de Juliano. Juliano nasceu em Constantinopla em 331 e governou o Império Romano, primeiro como *Cesar* de 355 a 361, e depois, como *Augusto* entre os anos de 361 a 363. Seu governo foi bastante conturbado e marcado, profundamente, por seu pensamento filosófico. Tal pensamento pode ser definido como um conglomerado de muitas correntes diferentes do neoplatonismo. A base do neoplatonismo daquele imperador era os fundamentos de Plotino e, principalmente, os de Jâmblico. Adiciona-se, igualmente, os ritos teúrgicos. Por exemplo, a partir

da escrita de *Vidas dos Sofistas* de Eunápio de Sardes, sabe-se que o pensamento de Porfírio sobre oráculos foi de grande importância para a juventude de Juliano (Nattania, 1996: 40).

No que concerne especificamente à alimentação, Juliano não acreditava que plantas ou animais tivessem almas. Ele fez uma distinção entre aqueles que possuem e que não possuem alma em seu hino dedicado ao deus Hélio:

> Eu considero este deus, se podemos acreditar nos sábios, como o pai comum de toda a humanidade. Considero ser da maior importância para todas as coisas, que respiram e se movem sobre a terra, e aquelas que têm uma participação na existência e uma alma e inteligência racionais (Julian. *Or. IV*. 131c).

Vale lembrar que Jâmblico, Juliano e Salústio não acreditavam que plantas ou animais tivessem qualquer forma da alma, o que estava em oposição ao pensamento de Platão, Aristóteles, Plotino e Porfírio (Nattania, 1996: 81). Destaca-se, ainda, que muitos dos personagens supracitados se uniram a Juliano em sua corte e estiveram envolvidos em um determinado grau em algumas das decisões do imperador, graças à tradição do apoio político-filosófico existente entre os representantes da *paideía* e do poder. Entre eles, encontram-se Máximo de Éfeso, Prisco de Épiro e o médico Oribásio de Pérgamo (Sanz Serrano; Díaz Bourgeal, 2021: 447).

Alguns autores foram responsáveis por cristalizar a imagem de Juliano como um governante que não era apenas sábio, mas que buscava certo desapego dos prazeres mundanos. Na obra *Res gestae*, Amiano Marcelino destaca a sobriedade e a castidade de Juliano, bem como o seu desdém pelos cuidados físicos e a sua tendência para assumir os costumes dos soldados do campo (Amm. Marc. 25.4.4-6; 25.4.2; 25.4.7; 25.4.4-5). Encontram-se avaliações semelhantes no panegírico de Cláudio Mamertino, que também enfatiza sua sobriedade e autocontrole do imperador neoplatônico (Mamert. *Pan. Lat*.11.3-4). Estas avaliações positivas ou mesmo recomendações de práticas ascéticas podem ser perfeitamente enquadradas em várias tradições filosóficas helênicas, como o estoicismo, o cinismo ou o pitagorismo. De fato, as encontramos em obras de pensadores neoplatônicos e cuja influência pode ser rastreada nos escritos de Juliano, assim como nos de Porfírio e Jâmblico (Sanz Serrano; Díaz Bourgeal, 2021,p. 448).

Libânio nos oferece um valioso relato sobre isso ao comentar sobre a personalidade de Juliano em seu *Discurso Fúnebre*:

> Pois somente este príncipe havia trazido a união de três ocupações diferentes, a saber, ouvir, falar e escrever: pois ao leitor ele emprestava seu ouvido, ao escritor

> sua voz e àqueles que exigiam sua assinatura, sua mão direita e ele tinha o dom de não cometer erros em nenhum desses aspectos citados. O descanso era para seus ministros e para ele mesmo, pular de uma atividade para outra, pois sempre que ocorria uma cessação de trabalhos, depois de tomar café da manhã apenas o suficiente para sustentar o seu corpo físico [...] Ao se lançar a uma pilha de livros, ele demonstrava uma grande felicidade. Ao anoitecer, voltava-se às requisições das tarefas imperiais. A ceia era ainda mais frugal do que a primeira refeição e seu sono era suficiente, correspondendo à moderação da comida (Lib. *Or*. 18).

Outras informações diretamente ligadas à alimentação de Juliano são encontradas nas *Coleções Médicas* de Oribásio de Pérgamo. Oribásio redigiu tal manual de alimentação a pedido do próprio Juliano. As *Coleções Médicas* são compostas por 70 livros, dos quais apenas parte foi preservada e tinha o objetivo de oferecer ao leitor uma formação médica ampla e aprofundada, com base em uma compilação de trabalhos de diversos médicos, complementados pelas próprias contribuições de Oribásio, frutos de sua experiência como médico (Asade, 2020: 228). O interesse de Juliano pelos escritos de Oribásio é explicado pela afinidade do médico com a medicina helênica, uma tradição de saberes admirada pelo imperador. Nesse contexto, Oribásio destacou, de igual modo, a obra galênica influenciada pelo estoicismo. Esse fato fez com que Juliano se orgulhasse de uma medicina conectada à filosofia, como por exemplo, a de Oribásio que era vinculada ao neoplatonismo (De Lucia, 1999: 474).

Assim, no manual oribasiano, verifica-se instruções desaconselhando o consumo excessivo da carne vermelha, com a justificativa de que este alimento poderia trazer malefícios ao corpo, seja relacionado à digestão ou à produção de humores intrabiliares (Orib. *Coll.Med.* 3. 9.1). Esclarece-se que a medicina antiga, particularmente a greco-romana, desenvolveu-se em torno de várias teorias sobre o funcionamento do corpo e a origem das doenças. Uma das mais influentes foi a teoria dos quatro humores, que teve sua criação nas ideias de Hipócrates e foi posteriormente ampliada por Galeno. De acordo com essa teoria, o corpo humano era composto por quatro líquidos vitais ou humores. Eram eles: sangue, bile amarela, bile negra e fleuma. A saúde de uma pessoa dependia do equilíbrio adequado entre esses humores, enquanto o desequilíbrio resultava em doença. Logo, o médico também informa os cuidados em relação ao consumo de carne raciocinado a partir da teoria humoral:

> Você deve saber que os animais que precisam pastar em capim alto, como os bois, tornam-se magros e imbuídos de mau humor no inverno e no início da primavera, enquanto, obviamente, parecem mais gordos e impregnados de melhor humor numa estação posterior, quando a grama fica grande, espessa e dá sementes. Aqueles, ao contrário, que podem se alimentar de capim curto, como as ovelhas, são melhores no início e no meio da primavera. As cabras, por fim,

> são preferíveis no início e no meio do verão, quando os brotos dos arbustos são mais abundantes, porque este é o seu alimento habitual (Orib. *Coll.Med.* 2. 28.16).

Haja vista, pode-se notar como a alimentação esteve ligada aos preceitos neoplatônicos e, por conseguinte, aos personagens que com esta corrente tiveram contato.

A dieta alimentar de Prisciliano de Ávila

Prisciliano era cristão, asceta e tinha uma conduta moral e religiosa extremamente rigorosa. Provavelmente originário da região da Galiza, no norte da Península Ibérica, estima-se que tenha nascido entre 345 e 350. Foi considerado herege por aqueles que professavam a fé nicena e, por isso, foi o primeiro líder cristão e o primeiro bispo a ser perseguido e executado pelos seus próprios correligionários. A autoridade secular, também envolvida nos conflitos niceno-priscilianistas, o condenou à morte e decapitação na antiga cidade de Tréveris, em 385, por ordem do imperador Magno Máximo, usurpador do trono de Graciano entre 383 e 388. .

Apesar de seu desfecho, é difícil precisar, exatamente, as bases teológicas do priscilianismo e se Prisciliano de Ávila foi líder de uma seita gnóstica e/ou maniqueísta na Hispânia, como foi acusado pelos líderes nicenos. No entanto, a imagem de Prisciliano como um homem heterodoxo permaneceu no imaginário popular e na historiografia ao longo dos anos. Assim, as dificuldades em conhecer a realidade histórica deste personagem são acentuadas pela escassez de fontes e pelo desafio de lidar com documentações textuais que refletem uma tradição completamente antipriscilianista, cujo objetivo principal era acusá-lo e combatê-lo, visando eliminar todas as dissensões contrárias ao cristianismo niceno (Pérez Prieto, 2012: 12).

Ao mesmo tempo, Prisciliano conquistou muitos seguidores e foi considerado santo e mártir por eles. Seus adeptos acreditavam que suas doutrinas e estilo de vida representavam um cristianismo mais puro, valorizando a santidade e a vida ascética. Eles buscavam uma salvação que, em sua visão, não poderia ser alcançada pelo caminho mundano do poder, trilhado por muitos bispos da época, cujas autoridades se tornavam cada vez mais indiscutíveis (Díez de Velasco, 2017: 223). Quanto à doutrina priscilianista, podemos dizer que, em essência, buscava o desenvolvimento espiritual através de práticas ascéticas. A conduta religiosa prisciliana pode ser resumida nos seguintes elementos: renúncia aos bens materiais e abstinência de carne e álcool. Além disso, os priscilianistas eram instruídos

a evitar frequentar locais de culto durante os períodos da quaresma e do natal. Esse grupo também se dedicava ao estudo das escrituras religiosas de forma abrangente, incluindo os textos apócrifos, que eram interditos para os nicenos (Jorge, 2006: 4; 10).

Quanto às práticas alimentares do bispo de Ávila, há um certo consenso historiográfico quando se trata de atribuir a adoção de uma dieta vegetariana aos priscilianistas. Contudo, temos apenas fontes exógenas e posteriores à execução deste personagem que apoiam tal afirmação. A principal é o relato de Agostinho de Hipona que em *Sobre as Heresias* afirma:

> Os priscilianistas, instituídos na Hispânia por Prisciliano, seguem, na maior parte, uma mistura de doutrina gnóstica e maniqueísta, embora a sujeira de outras heresias fluísse em horrível confusão para seus ensinamentos como para uma espécie de fossa [...] Essa heresia, da mesma forma, evita a carne como alimento impuro. Eles separam os cônjuges que eles conseguiram convencer desse mal, maridos de esposas que se recusam a aceitar isso, esposas de maridos que da mesma forma se recusam a aceitá-lo. Eles atribuem a criação de toda a carne, não ao Deus bom e verdadeiro, mas aos anjos maus (Agostinho de Hipona, *De Haeresibus*, 70).

Em seus *Tratados Teológicos*, Prisciliano não comenta em nenhum momento sobre seu consumo alimentar. Inclusive, ao citar os maniqueístas, sabidamente vegetarianos, afirma que condena tal doutrina e seus seguidores, uma vez que "não são hereges, mas sim idólatras e malvados servos do Sol e da Lua, demônios invencíveis, junto com todos os seus autores, seitas, costumes, instituições, livros, médicos e discípulos" (Prisciliano, *Tratado a Dâmaso*). Acredita-se que ele distingue, nessa passagem, suas crenças da dos maniqueus, uma vez que ele era acusado de compartilhar essa doutrina e de fazer parte do mesmo conjunto de heresias desse grupo. Apesar disso, em seus *Cânones*, indiretamente, defende quem opta pela abstenção de carne e vinho. Vejamos o cânone de número 35: "Alguns se abstêm de carne e vinho, e não devem ser julgados pelos outros nem devem julgar os outros, pois para os limpos tudo é limpo, e porque a comida e a bebida não se recomendam a ninguém. Bem, como é dito, Deus destrói este tipo de homem e suas refeições".

No que tange às práticas alimentares de Prisciliano de Ávila, pensa-se que isso tenha relação com os ambientes educativos em que ele se formou e a consequente influência oriental, bem como a do neoplatonismo. Não era incomum que bispos cristãos tenham sido treinados em escolas de prestígio, possivelmente neoplatônicas, e convertidos ao cristianismo durante algum momento de sua vida. No caso de Prisciliano, autores nicenos, como Sulpício Severo, fizeram críticas severas aos erros que ele

teria cometido devido aos estudos de ciências seculares e artes mágicas quando jovem. Essas críticas também se estendiam à sua ligação com escolas filosófico-religiosas, como a gnóstica, que surgiram da tradição neoplatônica, especialmente através de Marcos de Mênfis, cujos seguidores Ágape e o retor Elpídio foram seus professores diretos. Esta informação nos remete, também, aos ensinamentos dos grandes filósofos egípcios, seguidores da sabedoria helenística da escola de Plotino que gozou de grande fama em todo o Império Romano. Além disso, Jerônimo, em suas *Epístolas 126* e *113* aponta a relação de Prisciliano com o pitagorismo, o platonismo e o origenismo, incluindo, também, o interesse do bispo de Ávila pelos estudos sobre Zoroastro (Sanz Serrano; Díaz Bourgeal, 2021: 451-452).

A ligação entre Prisciliano e os ambientes educacionais neoplatônicos, gnósticos e maniqueístas pode ser atestada em seus próprios tratados. Em seu *Livro Apologético*, o bispo defende a leitura, tanto dos evangelhos apócrifos como dos textos pagãos ocultos, bem como do Antigo Testamento e do resto das composições canônicas. Além disso, a sua profissão de fé contra as teorias dos arianos, novacianos, maniqueístas, gnósticos, entre outras, demonstra que ele tinha, ao menos, consciência de seus escritos. Mas é sobretudo no *Livro Sobre a Fé e os Apócrifos*, onde encontra-se a maior exigência de liberdade de estudo e reflexão como meio de derrotar mentiras e reforçar os fundamentos da fé através da crítica e análise dos textos, em clara defesa de uma hermenêutica aprendida e praticada nos seus anos de estudo (Sanz Serrano; Díaz Bourgeal, 2021: 461).

Destacamos que isso não quer dizer, necessariamente, que Prisciliano professava a doutrina maniqueísta e/ ou gnóstica, mas que teve uma grande influência dessas correntes filosóficas em sua formação. Acrescentamos, ainda, que a abstenção de carne não era exclusiva dos maniqueístas. Os Padres da Igreja dedicaram muitos escritos à abstinência de carne e ao vegetarianismo, abordando seu papel tanto na vida cristã em geral quanto no ascetismo monástico em particular. Vale destacar que o movimento ascético cristão ainda era incipiente em todas as regiões, especialmente no Ocidente, no século IV, justamente o período em que Prisciliano emerge (Ferrero, 2008: 466).

A questão que se coloca, portanto, é a seguinte: Prisciliano se abstinha de carne por influência do maniqueísmo, ou ele praticava o ascetismo niceno, alinhando-se a figuras como Antônio, Martinho de Tours e outros Padres Ibéricos? Examinemos essa questão à luz das documentações textuais que tratam de nosso personagem e seus seguidores. Inicia-se esta investigação com o que alguns estudiosos consideram ser a primeira intervenção para

tratar dos ensinamentos supostamente heréticos do priscilianismo: o Concílio de Zaragoza, realizado em 380. As atas deste concílio, conforme chegaram até nós, não mencionam Prisciliano pelo nome, nem trazem qualquer referência a uma lista de ensinamentos questionáveis atribuídos à sua doutrina, não há, por exemplo, nenhuma acusação explícita de maniqueísmo, tampouco de abstinência de carne. De fato, os cânones que teriam censurado Prisciliano são ambíguos, e a maioria dos pesquisadores acredita que, se os bispos tinham Prisciliano em mente, o acusaram de maneira bastante geral (Ferrero, 2008: 470).

Há também outra fonte que promove a ligação maniqueísta com Prisciliano, a carta de Magno Máximo ao Papa Sirício escrita em 386, poucos anos depois do Concílio de Saragoça. Voltando-se para Prisciliano e seus seguidores, ele escreveu: além disso, o que ainda é mais estreitamente traído é admitir o crime dos maniqueístas, não por evidências, nem por suspeitas duvidosas ou incertas, mas por sua própria confissão apresentada aos julgamentos; pois não podemos falar de tais ações não apenas vergonhosas, mas até mesmo de ações repugnantes, sem corar. Magnus Maximus informou ao papa que a condenação de Prisciliano não se baseava em provas circunstanciais ou dúvidas; em vez disso, baseou-se nas confissões dos acusados (Ferrero, 2008: 470).

Sulpício Severo, por sua vez, que dedicou várias seções de sua *Chronica* aos priscilianistas, não tinha absolutamente nada a relatar sobre seu vegetarianismo maniqueísta. Raymond Van Dam acredita que Sulpício evitou deliberadamente mencionar o maniqueísmo para preservar a reputação de Martinho de Tours, o qual, como se sabe, foi acusado da mesma heresia e era suspeito, ainda mais, por ter defendido Prisciliano (Ferrero, 2008: 471). Fora da Península Ibérica, Agostinho e Filástrio de Bréscia, nas suas respectivas heresiologias, falaram com confiança sobre o alegado vegetarianismo maniqueísta dos priscilianistas. Filástrio, por seu turno, condenou anonimamente os Priscilianistas, chamando-os de "abstinentes" e comentando que sua fé prometia abstinência de carne (Ferrero, 2008: 472).

Nossa refutação mais extensa e detalhada de Prisciliano foi escrita pelo Papa Leão I em resposta a um pedido de Turíbio, bispo de Astorga, e é refletida nas atas do Primeiro Concílio de Toledo, celebrado no ano de 400. O Primeiro Concílio de Toledo possui uma seção para esclarecer, exclusivamente, questões relacionadas à doutrina priscilianista. Nela, o cânone 17 adverte: "Se alguém disser ou acreditar que se deve abster-se da carne de pássaros ou de animais que nos foram dados como alimento, não para a mortificação do corpo, mas porque são execráveis, seja anátema".

Embora não haja nenhuma referência explícita ao maniqueísmo, é claro que ele estava na mente dos bispos que redigiram o Concílio (Ferrero, 2008: 473).

No século VI, a questão é tratada de forma indiscutivelmente direta por um pontífice na carta do Papa Vigílio, em resposta a um pedido de Profuturo de Braga. Intitulada *De Priscillianistis qui se ab esu carnium substrahunt*, a carta coloca a abstenção de carne em primeiro lugar entre cinco questões comentadas pelo papa a pedido de Profuturo. Vigílio resume a opinião comum da época, que considerava herético, com base no maniqueísmo, o ensinamento de que a carne deveria ser evitada por ser proveniente de um ser inerentemente mau. Importa salientar que o Papa Vigílio se baseou nas informações fornecidas por Profuturo de Braga, e não em um conhecimento direto do priscilianismo. Na tradição heresiológica do século VI, o priscilianismo já havia sido amplamente associado ao maniqueísmo, o que explica a resposta de Vigílio, ao refletir as suspeitas e acusações predominantes naquele contexto (Ferrero, 2008: 475).

O Primeiro e o Segundo Concílios de Braga, de 561 e 572, respectivamente, retomaram o tema, algumas décadas depois da carta do Papa Vigílio. Existem duas referências à carne no Primeiro Concílio de Braga. O Cânone 14 dos artigos contra Prisciliano, é uma acusação explícita ao maniqueísmo: "Se alguém julgar impura a carne que Deus deu aos homens para seu consumo, e não por causa da mortificação do corpo, mas porque é considerada impura, a ponto de nem provar legumes cozidos com carne, como dizem Mani e Prisciliano, sejam anátemas". Os bispos estavam preocupados que os hereges pudessem ocultar suas crenças maniqueístas, fingindo ser ascetas ortodoxos. Para diferenciá-los, criaram um teste para identificar os ortodoxos entre os hereges. Todos os que afirmavam ser ascetas não-maniqueístas eram convidados a comer uma sopa de legumes preparada com carne. Após consumirem o prato, eles poderiam retomar sua prática ascética sem carne, demonstrando assim que não seguiam o maniqueísmo ou o priscilianismo. Não temos nenhuma evidência se Prisciliano se submeteu a tal teste ou se algum dos seus seguidores foi submetido a esta ordem. O cânone identificou qualquer pessoa que recusasse o teste como sendo seguidora de Mani e Prisciliano. A segunda condenação é uma recapitulação do anterior, onde fica estabelecido que o clero não deve abster-se de comer carne (Ferrero, 2008: 475).

A última fonte que aborda a abstinência de carne é o cânone 58 do II Concílio de Braga. Os bispos declararam: "recomenda-se que a mesma sopa de vegetais/carne seja usada para eliminar clérigos que possam ter ideias heréticas sobre a abstinência de carne". Os bispos recomendaram a

remoção do ministério daqueles considerados culpados. Mais uma vez, não conhecemos nenhum clérigo que tenha sido excomungado por se recusar a submeter-se a este cânone (Ferrero, 2008: 476).

Apesar da historiografia tradicional geralmente aceitar as acusações de heresia contra Prisciliano, acredita-se que é difícil estabelecer com precisão os fundamentos de sua doutrina. Não se pode descartar completamente que os supostos desvios doutrinários atribuídos a Prisciliano possam ter algum fundamento, porém no caso específico da acusação de maniqueísmo, parece não haver uma base sólida. A ambiguidade era ainda maior, como visto anteriormente, pelo fato de que um asceta niceno, à primeira vista, era quase indistinguível de um *electus* maniqueísta. Os bispos que conduziram a campanha contra Prisciliano estavam aparentemente convencidos de sua heresia e conseguiram manchar de forma irreparável a imagem de Prisciliano e de seus seguidores. Qualquer prática que, sob outras circunstâncias, seria vista como admirável e ortodoxa passou a ser interpretada como herética. É o caso da abstenção de carne, que seus detratores atribuíram a motivações maniqueístas, apesar da clara negação de Prisciliano dessas acusações em seus *Tratados e Cânones*. Propõe-se o contato de Prisciliano com correntes maniqueístas e gnósticas, integrando elementos dessas tradições de maneira sincrética em sua fé cristã. Contudo, na análise aqui proposta, mais do que representar uma ruptura com a fé nicena, o movimento priscilianista parecia ter desafiado a *ecclesia* nicena em um nível político-administrativo.

Portanto, diante do exposto, podemos inferir que o bispo de Ávila cristalizou uma variedade de aspirações ascéticas, monásticas e intelectuais que eram bastante, ou até mesmo completamente, incompatíveis com o cristianismo vivido pela grande maioria dos bispos nicenos da época (Jorge, 2006: 4; 10).

Considerações Finais

Como foi possível observar, as práticas alimentares na Antiguidade Tardia foram capazes de nos revelar dados de diferentes sociedades e seus personagens. Além disso, são capazes de conectar figuras aparentemente sem ligação, como Juliano e Prisciliano de Ávila. Apesar das diferenças evidentes, a começar pela própria religião, ambos prezavam por uma vida ascética e por uma alimentação, senão livre, com pouca carne. Destaca-se, também, a influência realizada pelas correntes do neoplatonismo nos hábitos de vida desses dois personagens.

Para mais, as semelhanças em suas dietas descortinam outra características fundamental da Antiguidade Tardia: as confluências culturais entre as porções Ocidental e Oriental do Império Romano. A divisão administrativa iniciada por Diocleciano e consolidada por Constantino, estabelecendo Constantinopla como a capital oriental, visou uma governança mais eficiente, mantendo a ideia de um império unificado. A política imperial propagou uma imagem de unidade, como visto nas tentativas de promover a concórdia imperial, com igrejas irmãs em Constantinopla, Roma e Ravenna. Ademais, o comércio entre as duas regiões continuou e os exércitos das duas partes frequentemente coordenaram esforços contra invasões e migrações bárbaras, vide a participação combativa de Juliano César na Gália entre 355 e 361. Reforça-se que o entrelaçamento entre essas regiões alcançou a esfera cultural, como atestado na grande influência helenística na formação dos sacerdotes ocidentais, bem como Agostinho de Hipona e, claro, o próprio bispo de Ávila.

Logo, o Império Romano formado por um amálgama de culturas forneceu diversas condutas políticas, filosóficas e religiosas que podem ser detectadas pelos costumes alimentares e crenças entrelaçados em sua formação político-cultural.

Referências Bibliográficas

Documentações Textuais

AMMIANUS MARCELLINUS. *Res Gestae*. With an English Translation by John Carew Rolfe. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: William, Heinemann LTD, 1982. 3 v. (The Loeb Classical Library).

ARCHESTRATOS of Gela. *Greek Culture and Cuisine in the Fourth Century b.c.e.* Text, Translation, and Commentary by S. Douglas Olson and Alexander Sens. Oxford University Press, 2000.

ATHENAEUS. *The Learned Banqueters, Volume I: Books 1-3.106e.* Edited and translated by S. Douglas Olson. Loeb Classical Library 204. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

AURELIUS AUGUSTINUS. *De fide rerum invisibilium. Enchiridion ad Laurentium de fide et spe et caritate. De catechizandis Rudibus. Sermo de symbolo ad Catechumenos. Sermo de disciplina christiana. De vitilitate Ieiunii. Sermo de excidio urbis Romae. De Haeresibus ad Quodvultdeum*. Cura et studio M. P. J. van den Hout et al. CCSL, 46. Turnholt: Brepols, 1969.

CONCILIO de Braga I. In: VIVES, José (org.). *Concilios Visigóticos e HispanoRomanos*. Barcelona, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

CONCILIO de Braga II. In: VIVES, José (org.). *Concilios Visigóticos e HispanoRomanos*. Barcelona, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

CONCILIO de Toledo I. In: VIVES, José (org.). *Concilios Visigóticos e HispanoRomanos*. Barcelona, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

De Priscillianistis qui se ab esu carnium substrahunt. Edited by Claude Barlow. Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia. Papers and Monographs of the American Academy at Rome. Vol. XII. New Haven: Yale University Press, 1950.

IAMBLICHUS. *On the Pythagorean Way of Life*. Text, Translation, and Notes, John Dillon and Jackson Hershbell. Atlanta, Ga: Scholars Press, 1991.

JULIANO. *Discursos*. Introd., trad., notas José Garcia Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

LIBANIUS. *Selected Orations, Volume I: Julianic Orations.* Edited and translated by A. F. Norman. Loeb Classical Library 451. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969.

MAMERTINUS. Gratiarum Actio Iuliano Augusto. Iintroduction, translation, and historical commentary, with the Latin text of R.A.B. Mynors and C. E. V Nixon, Barbara Saylor Rodgers. In praise of later Roman emperors : the Panegyrici Latini. Berkeley: University of California Press, 1994.

ORIBASE. *Ouevres D'Oribase*. Trad., introd. notes Charles Daremberg, Auguste Molinier. Paris: A l'Imprimerie nationale, 1851. t. 1.

ORIBASE. *Ouevres D'Oribase*. Trad., introd., notes Charles Daremberg, Ulco Cats Bussemaker, Auguste Molinier. Paris: A l'Imprimerie nationale, 1854. t. 2.

ORIBASIUS. *Dieting for an emperor:* a translation of books 1 and 4 of Oribasius. Medical compilations with an introduction and commentary by Mark Grant. Trans., introd., notes Mark Grant. Leiden; New York: Köhl: Brill, 1997.

PAUSANIAS. *Description of Greece.* Books 1-2. Translated by W. H. S. Jones. Loeb Classical Library 93. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1918.

PHILOSTRATUS and EUNAPIUS. *The Lives of Sophists*. With an english translation by Wilmer Cave Wright. London/New York: Loeb, 1922.

PLINY. *Natural History, Volume I: Books 1-2*. Translated by H. Rackham. Loeb Classical Library 330. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1938.

PORFÍRIO. *Sobre la abstinencia*. Traducción, Introducción y Notas de Miguel Periago Lorente. Madrid: Gredos Editorial, 1984.

PRISCILIANO. *Tratados*. Traducción y comentario de Manuel José Crespo Losada. Madrid: Trotta, 2017.

PRISCILIANO. *Tratados y cánones*. Preámbulo, traducción y notas de Bartolomé Segura Ramos. Madrid: Editora Nacional, 1975.

Obras Gerais

ASADE, D. La Hierá de Archigénes en Oribasio, en el anónimo libro siríaco de las medicinas y en Sābūr ibn Sahl en la transmisión del conocimiento farmacéutico. *Iter*, v. 26, 2020, p. 221-242.

DE LUCIA, Roberto. Doxographical hints in Oribasius' Collectiones medicae. In: VAN DER EIJK, P. J. *Ancient Histories of Medicine Essays in Medical Doxography and Historiography in Classical Antiquity*. Leiden/London: BRILL, 1999, p. 473–489.

DE LUCIA, Roberto. Oribásio di Pérgamo. In.: DI GARZYA, Antonio; DE LUCIA, Roberto; GUARDASOLE, Alessia; IERACI BIO; Anna Maria; LAMAGNA, Mario; ROMANO, Roberto. *Medici Bizantini* (Oribasio di Pergamo, Aezio d'Amida, Alessandro di Traite, Paolo d'Egina, Leone Medico). Unione Tipografico-Editrice Torinese (Classici Greci, Autori délia tarda antiquità e dell'età bizantina). Turin, 2006.

DÍEZ DE VELASCO, Francisco. Prisciliano ¿Santo o diablo? In: VENTURA, Francisco Salvador; MALDONADO, Pedro Castillo; RABANEDA, Purificación Ubric; QUIROGA PUERTAS, Alberto J. (ed.). *Autoridad y autoridades de la Iglesia Antigua:* homenaje al profesor José Fernández Ubiña. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2017, p. 223-238.

ERDKAMP, Paul (Ed.). *A cultural history of food*. Volume 1. Oxford: Berg, 2012.

FERREIRO, Alberto. De prohibitione carnis: Meat Abstention and the Priscillianists. *Zeitschrift für Antikes Christentum*, v. 11, n. 3, 2008, p. 464-478.

JORGE, Ana Maria Castelo Martins. The Lusitanian Episcopate in the 4th century: Priscillian of Avila and Tensions Between. e-*Journal of Portuguese History*, 4: 2, 2006, p. 1-13.

NADEAU, Robin. Body and Soul. In*:* ERDKAMP, Paul (Ed.). *A cultural history of food*. Volume 1. Oxford: Berg, 2012, p. 145-162.

NATTANIA, Anthony W.. *The Emperor Julian (A.D. 331-363)*: his life and his neoplatonic philosophy. 1996. 119 f. Masters. Master Of Arts (Ma), Department Of Humanities, Old Dominion University, Norfolk, 1996.

OSBORNE, Catherine. Ancient Vegetarianism. In: *Food in Antiquity*. Exeter: University of Exeter Press, 1995. p. 214-24

PÉREZ PRIETO, Victorino. Que podemos dicir hoxe de Prisciliano? In: PÉREZ PRIETO, Victorino (ed.). *Prisciliano e o priscilianismo*: da condena à rehabilitación. Santiago de Compostela: Biblos Clube de Lectores, 2012, p. 11-39.

SCADE, Paul. Food and Ancient Philosophy. In*:* WILKINS, J.; NADEAU, R. A *Companion to Food in the Ancient World*. Blackwell, 2015, p. 67-75.

SERRANO MADROÑAL, R. Prisciliano y el vegetarianismo: un estudio crítico a la luz de las fuentes. *Gerión, Revista de Historia Antigua*, v. 39, n. 2, 2021, p. 587–606.

SANZ SERRANO, R. M.; DÍAZ BOURGEAL, M. Paideia y cristianismo: la relación de Prisciliano con los ambientes educativos tardoantiguos. *Gerión*, *Revista de Historia Antigua*, v. 39, n. 2, 2021, p. 441–467.

WILKINS, J.; NADEAU, R. Introduction. In*:* WILKINS, J.; NADEAU, R. A *Companion to Food in the Ancient World*. Blackwell, 2015, p. 1-16.

WILKINS, J.; NADEAU, R. A *Companion to Food in the Ancient World*. Blackwell, 2015.